



A EXPERIÊNCIA DO PIBID/CAPES DE GEOGRAFIA NO MUNICÍPIO DE MARINGÁ EM TEMPOS DE PANDEMIA

Emily Braz Prado ¹

Ingrid Januário Augusto ²

Taynara de Souza Jorge ³

Rafael Pereira Lopes ⁴

Cristina Afonso Vieira de Assis ⁵

Marcelo Junior dos Santos ⁶

Maria das Graças de Lima ⁷

Introdução

No dia 11 de março de 2020 foi declarado pela Organização Mundial da Saúde a Pandemia do Coronavírus19, e alguns dias depois, dia 18 de março, todos os Estados do Brasil decretaram quarentena, inicialmente de 15 dias, em razão da alta taxa de disseminação e contaminação do vírus. Por se tratar de um vírus que rapidamente se propaga e contagia, os 15 dias se estenderam por mais de um ano.

Ao perceber que a realidade era outra e que novas medidas deveriam ser tomadas para a continuidade, mesmo que de outra forma, das atividades, foram tomadas atitudes para se adequar ao isolamento social. Com isso, foram definidas medidas emergenciais, ou seja, sem o tempo necessário de preparo, devido ao risco que corria a população, para a continuação das

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá - UEM, ra115196@uem.br

² Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá - UEM, ra115469@uem.br

³ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, ra114055@uem.br

⁴ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá - UEM, ra122736@uem.br

⁵ Pós Graduada pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Cristina.assis@escola.pr.gov.br

⁶ Graduado do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, marcelo.santos2@escola.pr.gov.br

⁷ Professora Orientadora: Doutora em Geografia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, mglima@uem.br



aulas em modo remoto. As secretarias de educação (municipal e estadual), cada uma a seu modo, apresentaram medidas para a volta às aulas, e a solução foi o ensino remoto, por meio de plataformas *on line*, como o *Google Classroom* e a *MoodleP* para os momentos assíncronos e *Google Meet* e *Zoom* para os momentos síncronos.

As medidas para o retorno das aulas envolveram desde o ensino infantil até o ensino superior, particular e público, e para cada esfera foi tomada uma iniciativa diferente. Neste processo as instituições de ensino particulares conseguiram implementar o ensino remoto antes das instituições de ensino públicas. A implementação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) nas escolas e universidades públicas, além de não ter a infraestrutura necessária, ainda tiveram que enfrentar problemas com as questões econômicas e sociais que emergiram muito intensamente no ambiente escolar, evidenciando a desigualdade social experimentada pelos segmentos sociais que acessam, quando acessam a escola pública.

Inicialmente a maior preocupação dos meios educacionais públicos era se todos os alunos possuíam alguma ferramenta com acesso à internet, podendo ser um celular, computador, notebook ou tablete, pois seria o único meio de acesso às aulas.

O texto a seguir apresenta resultados de uma pesquisa elaborada por bolsistas do curso de Geografia, habilitação Licenciatura, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível à Docência – CAPES. A pesquisa foi realizada com alunos de dois colégios estaduais do município de Maringá/PR, sendo eles o Colégio Estadual Vital Brasil e o Colégio Estadual Unidade Polo.

Pelo fato de todos os alunos estarem passando pela mesma realidade do ensino remoto, tanto os bolsistas que enfrentaram as mesmas dificuldades no meio universitário; quanto os alunos do Colégio Estadual Vital Brasil e o Colégio Estadual Unidade Polo, observou-se que os problemas, preocupações e as exigências eram as mesmas. Na Universidade Estadual de Maringá foi disponibilizado aparelhos celulares e notebooks para os universitários que declarassem não ter condição financeira de adquirir equipamentos para assistirem às aulas e realizarem as atividades de ensino. Já para as instituições de Educação Básica as medidas foram



diferentes, e em Maringá, a Secretaria Municipal de Educação disponibilizou material impresso para os alunos, retirados pelos pais e devolvidos para correção a cada semana ou quinze dias.

Em um país onde apenas 32% das escolas públicas de ensino fundamental e 65% do ensino médio possuem acesso à internet (INEP, 2020) transmitir um ensino de qualidade para todos de modo online não poderia ser uma tarefa fácil. Na experiência com os alunos das escolas em questão notou-se a dificuldade que era ensinar em tempos de pandemia. As escolas atendidas apresentavam realidades diferentes: na escola em que o PIBID de Geografia atuou em turmas do terceiro ano do ensino médio, a frequência dos alunos nas aulas ministradas por meio de *Meet*, era muito baixa inicialmente, chegando a dois alunos, crescendo para um número de 10 alunos posteriormente, com o desenvolvimento de algumas atividades. A participação dos alunos da escola de ensino fundamental era mais frequente, apresentando-se nas aulas pela *Meet* de forma mais efetiva, a maioria dos alunos. Neste período de ensino remoto, um fato muito triste para a educação brasileira que durou praticamente um ano escolar, muitos alunos não puderam ou não fizeram questão, por falta de incentivo ou de equipamentos, de assistir as aulas online.

Foi observado durante as aulas com os alunos dos colégios que muitos deles não possuíam um aparelho de uso próprio, a maioria compartilhava com os irmãos ou com os pais, e por isso tinham que sair mais cedo da aula, ou as vezes tinham que faltar porque alguém tinha que usar o aparelho para um compromisso considerado mais relevante, esse fato ocorreu com maior frequência no Colégio Estadual Vital Brasil, onde o PIBID de Geografia atuou nas turmas dos sextos anos do ensino fundamental. Além disso, foi claramente nítida a dificuldade de grande parte dos alunos na visualização dos slides ou da realização das atividades, pois muitos utilizavam o celular para estudar, e algumas ferramentas não eram disponibilizadas para esse aparelho, então tudo que foi elaborado pelos bolsistas do PIBID de Geografia levou em consideração esses fatores: em qual ferramenta seria transmitido o recurso didático preparado, e posteriormente disponibilizado para celular e notebook.

Foram essas experiências que levaram a elaboração desta pesquisa feita a partir do *Google* Formulários com os alunos do sexto ano do Colégio Estadual Vital Brasil e com os alunos do terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Unidade Polo, para que fosse



possível ter uma amostragem parcial da realidade dos alunos da rede pública de educação básica.

Embora não tenha definido a amostragem dos alunos pesquisados a partir do universo de alunos do ensino fundamental e médio de Maringá, este artigo teve como objetivo, referenciando-se também por depoimentos de alunos e professores, de textos que traziam informações sobre a implementação do ensino remoto, de grupos sociais de professores e alunos que traziam informações sobre a prática virtual, mostrar a realidade dos alunos da rede de Educação Básica durante o ensino remoto, identificar os principais problemas enfrentados pelos alunos, entender a realidade da educação que os alunos puderam adquirir com a mudança repentina do cotidiano escolar, de presencial para virtual.

Referencial Teórico

Frequentemente acreditava-se que as tecnologias tiravam a atenção dos alunos em relação aos estudos, com o passar do tempo os meios tecnológicos ficaram cada vez mais presentes no cotidiano de todos e com isso os professores e professores foram desafiados a usar essa ferramenta a favor. A iniciativa sobre o uso de tecnologias no ensino caminhava de maneira lenta, muitos não tinham interesse ou não viam necessidade de utilizar recursos tecnológicos para complementar o processo de ensino aprendizagem dos alunos, até que veio a quarentena e era fundamental a continuidade do processo de aprendizagem dos alunos (MIRANDA, 2020; ROSA, 2020). O ensino remoto surpreendeu grande parte dos professores pois não tiveram nenhum preparo para a utilização de plataformas, ferramentas e aplicativos, alguns aprenderam a trabalhar com recursos tecnológicos sozinhos, aprendendo o necessário para a urgência do momento (TEIXEIRA e NASCIMENTO, 2021).

No Brasil, a esfera educacional foi muito afetada pela COVID-19 em decorrência de que grande parte dos alunos não possuíam computador, *tablet* e celular; além de não ter também acesso à rede de internet, *Wifi* ou móvel. Para se adequar ao ensino remoto, as secretarias de educação estadual e municipal anteciparam recessos e férias escolares para diminuir os impactos causados na educação brasileira, e assim então fazer o atendimento aos alunos durante o período de isolamento social (TEIXEIRA e NASCIMENTO, 2021)



No cenário de isolamento social causado pela pandemia do COVID-19 e com a continuidade das aulas através do ensino remoto, o direito ao acesso à educação passou a ser o direito de acesso às tecnologias, visto que para ter acesso as aulas tornou-se necessário a utilização de ferramentas eletrônicas com acesso à internet. Levando em consideração o meio econômico o ensino de qualidade ficou ainda mais seletivo (CARDOSO, 2020).

Metodologia

Trata-se de um estudo, que teve como cenário a experiência de bolsistas durante o desenvolvimento do PIBID, no município de Maringá, Paraná. Foi elaborado um formulário online, usando o *Google Formulários* para a coleta de dados; ficou disponível para o preenchimento dos alunos pelo período de cinco dias (30 de agosto a 3 de setembro/2021), contendo doze perguntas relacionadas à experiência que tiveram no ensino remoto.

A amostragem foi de 35 alunos, representantes das duas escolas estaduais: o Colégio Estadual Unidade Polo, com uma turma do 3º ano do Ensino Médio; e o Colégio Estadual Vital Brasil, com duas turmas de 6º ano do ensino fundamental. Os dados foram representados em gráficos. Levantamento de livros e textos sobre o ensino remoto e sobre a experiência em tempos de pandemia subsidiaram a organização e sistematização das informações.

Resultado e Discussões

O levantamento dos dados e posterior sistematização e representação das informações permitiu refletir sobre o que foi o ensino remoto, evidenciando algumas questões apontadas em todas as experiências; assim como surpreendeu a disposição. Posterior ao preenchimento pelos alunos e o fechamento do formulário pelos graduandos, pode-se observar através da primeira pergunta, de qual escola o aluno estava inserido, sendo 18 participantes do Unidade Polo e 17 participantes do Vital Brasil, como pode ser observado no gráfico¹, que foi retirado do próprio *Google Formulário*.

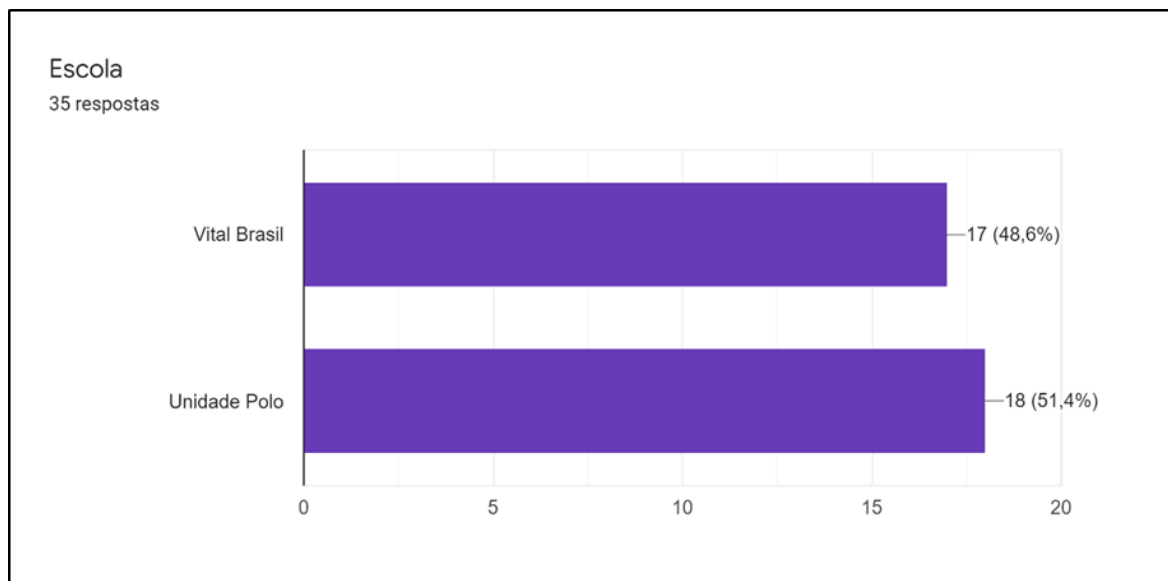


Gráfico 1 – Escola do aluno.

Totalizando os 35 alunos que responderam à pesquisa, estes apresentam idades variadas e estão na faixa etária de 10 a 12 anos (17 alunos) e de 16 a 18 anos (18 alunos), assim como representado no gráfico 2.

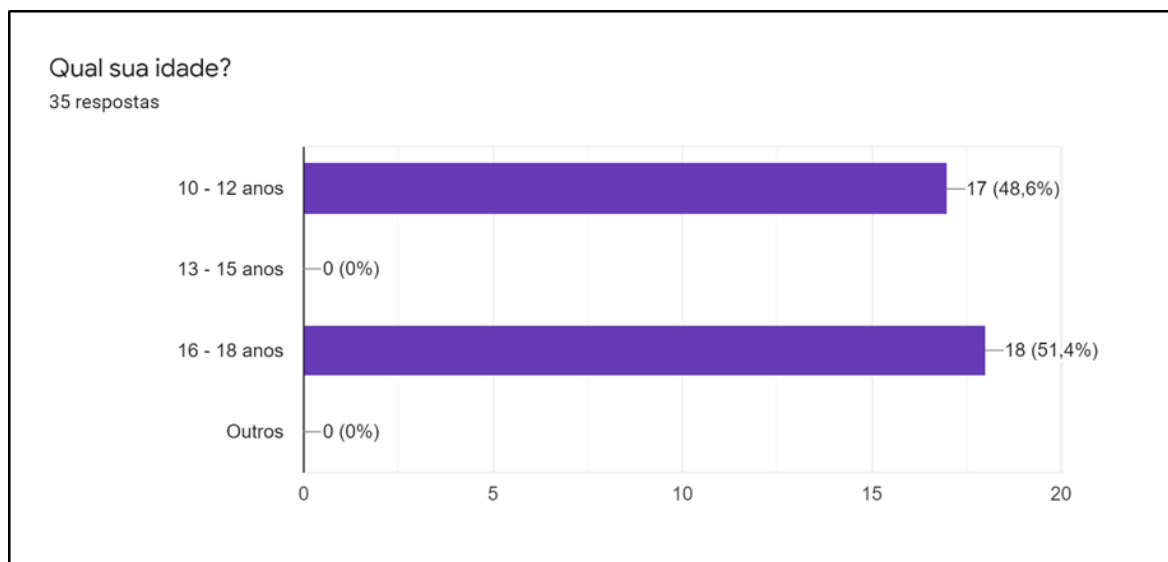


Gráfico 2 – Idade do aluno participante.

Em relação à Internet, as respostas foram unânimes em possuir acesso, como pode ser observado no gráfico 3.

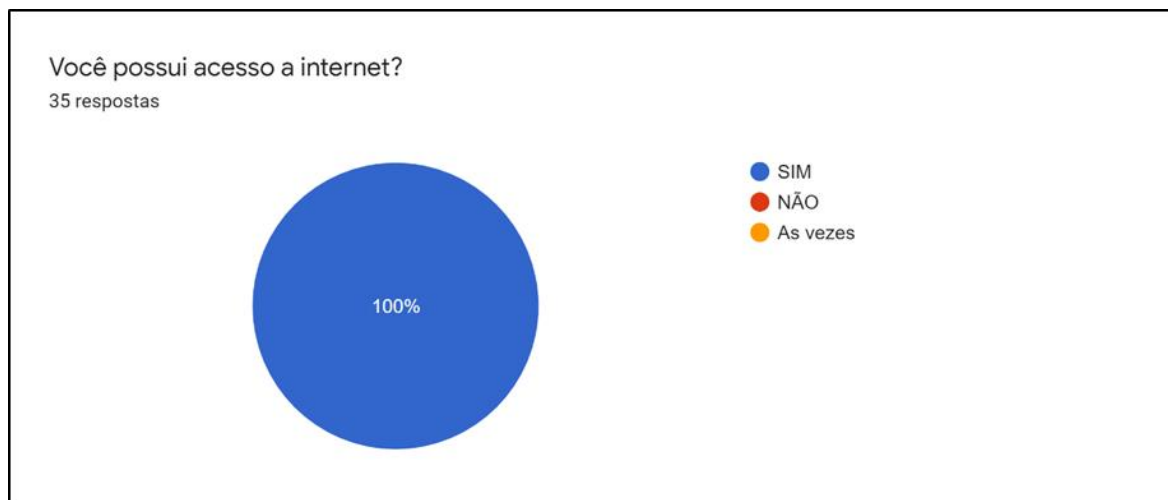


Gráfico 3 – Possuir acesso à Internet.

Na pergunta quanto ao aparelho que era utilizado para acessar as aulas, obteve-se uma maior ocorrência para o uso do celular, que apresentou 22 respostas, seguido pelo notebook, com 12 respostas e pelo computador de mesa com 9 respostas. Foi possível identificar o uso de mais de um aparelho por aluno, como exemplificado no gráfico 4.

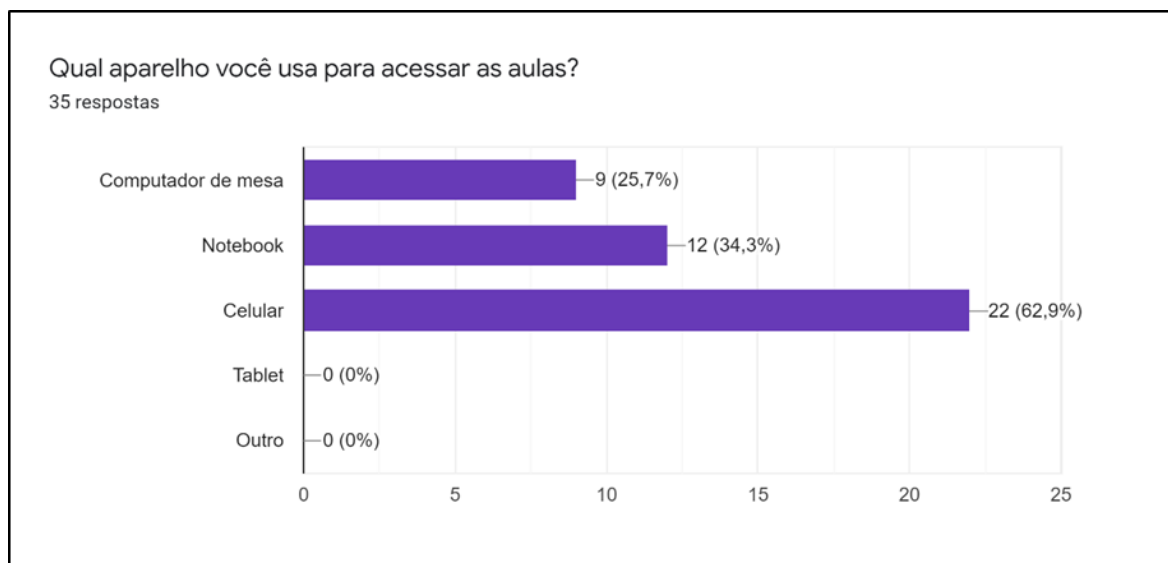


Gráfico 4 – Aparelho utilizado para acessar as aulas.

Quando perguntados se durante este período de aulas remotas sentiu dificuldades, mais da metade dos alunos registraram que sim, como observado no gráfico 5, evidenciado como os alunos avaliavam o ensino emergencial.

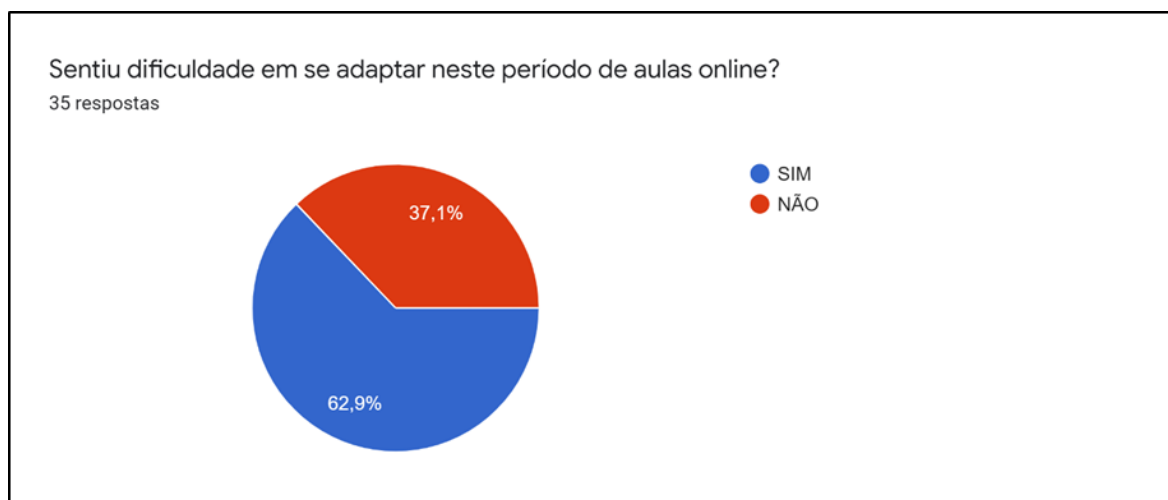


Gráfico 5 – Sentiu dificuldade em se adaptar neste período de aulas online?

Quando questionados sobre já ter deixado de acompanhar a aula síncrona por instabilidade na conexão com a Internet, obtivemos uma afirmativa de 21 dos 35 alunos, assim como observado no gráfico 6.

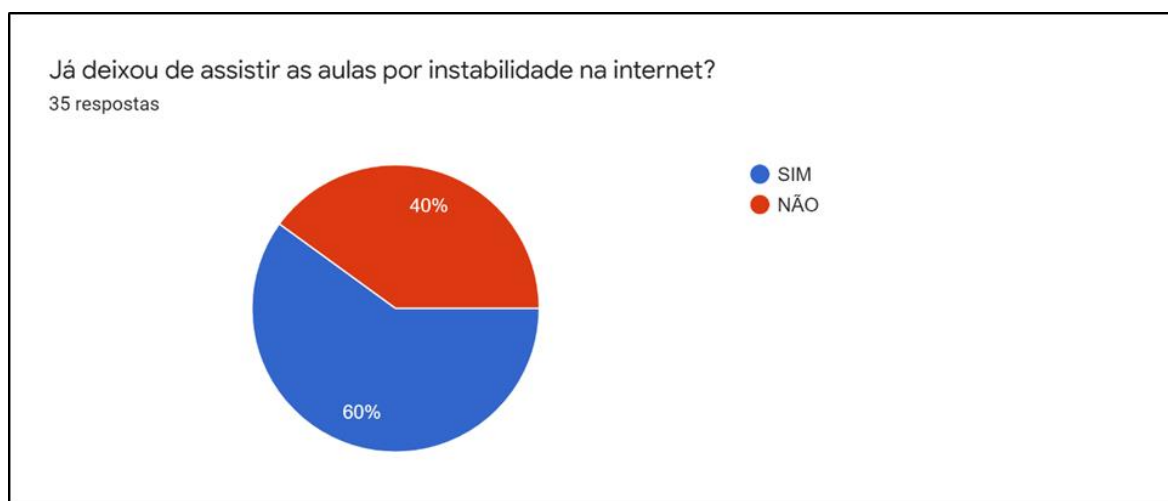


Gráfico 6 – Já deixou de assistir as aulas por instabilidade na Internet?

Na sétima pergunta se buscou saber se o aluno compartilhava o aparelho pelo qual estava assistindo as aulas; e a maioria das respostas, 25 alunos, não compartilhavam seus equipamentos, como mostra o gráfico 7.

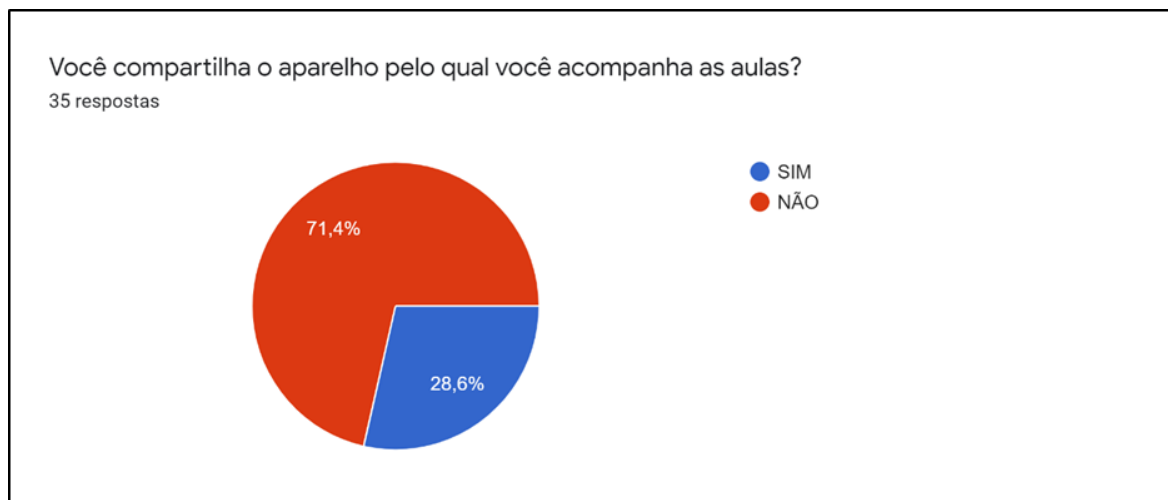


Gráfico 7 – Você compartilha o aparelho pelo qual acompanha as aulas?

Dando prosseguimento a ideia de compartilhamento de aparelho, perguntou-se se já haviam perdido aula por ter que compartilhar o aparelho eletrônico; somente 4 respostas foram positivas para este questionamento.

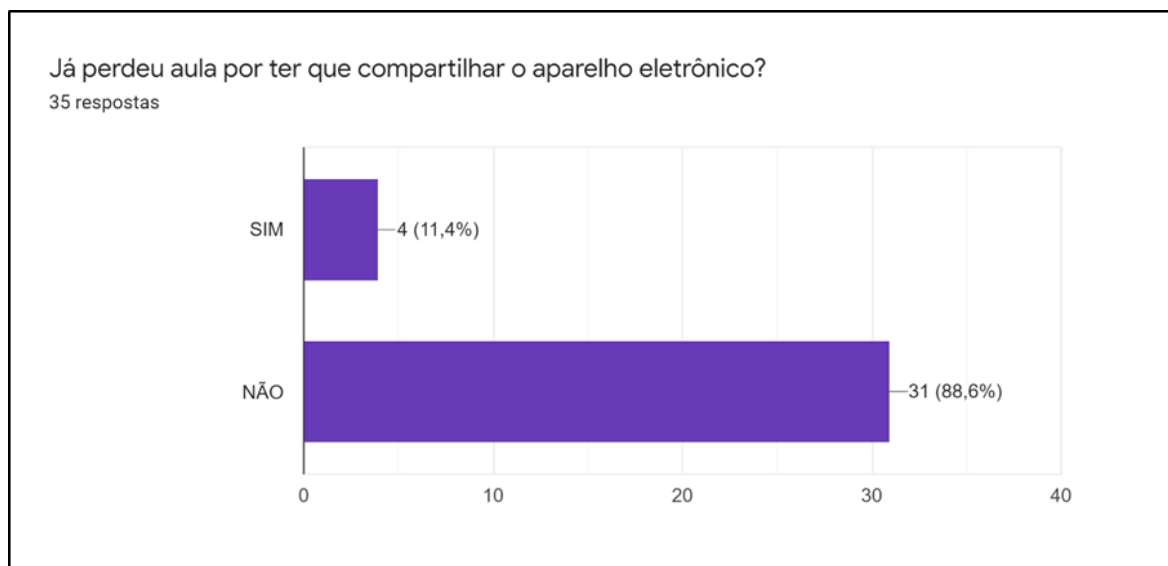


Gráfico 8 – Já perdeu aula por ter que compartilhar o aparelho eletrônico?

Quando perguntados sobre o nível de dificuldades quanto à aprendizagem durante este período, o gráfico 9, exemplifica que 13 alunos classificaram a dificuldade deste período em “5” de uma escala de 0 à 10.

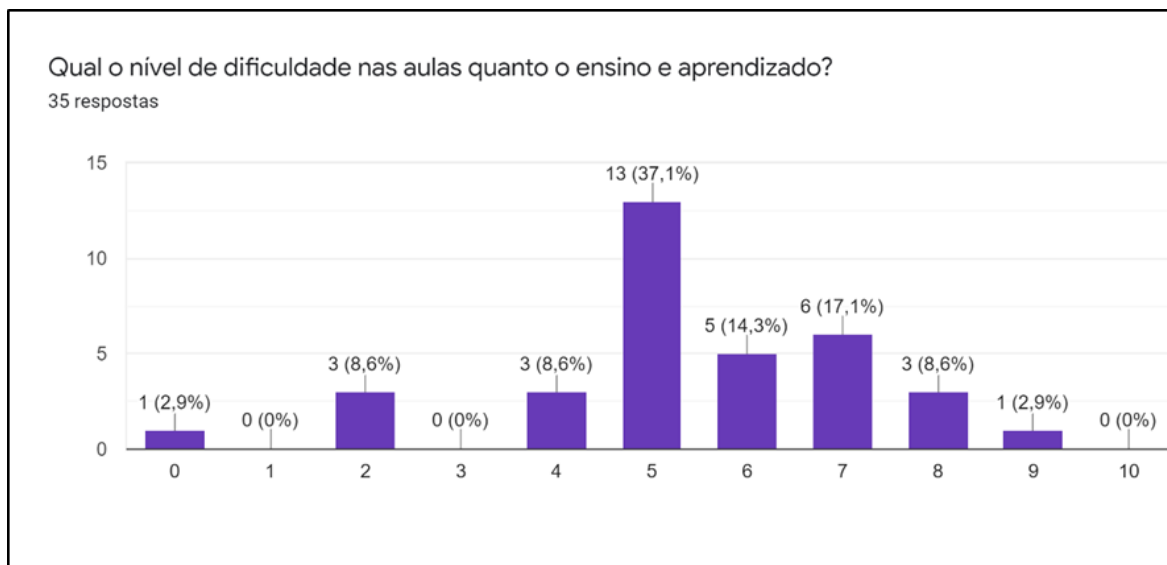


Gráfico 9 – Qual o nível de dificuldade nas aulas quanto ao ensino e aprendizagem?

Perguntamos sobre a possibilidade de continuar no ensino remoto, e 20 dos 35 alunos responderam afirmativamente quanto a continuar neste tipo de transmissão do conhecimento, apontando a comodidade de se estudar em casa, como visto no gráfico 10.

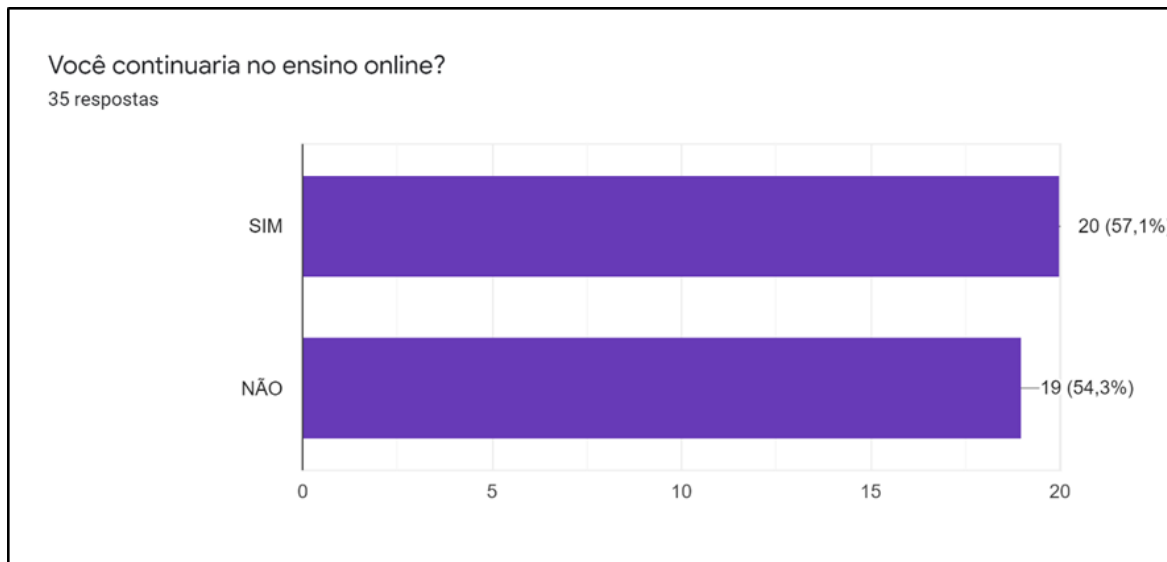


Gráfico 10 – Você continuaria no ensino online?

Quando perguntados se interagiam durante as aulas, pois o ensino é uma via de mão dupla, tanto do professor em ensinar, quanto do aluno estar interativo e disposto a absorver o conteúdo, embora seja esse um processo de mão dupla. Como pode ser observado no gráfico 11, 7 alunos (0, 1, 2) tiveram muitas dificuldades; 11 alunos (3, 4, 5) enfrentaram as

dificuldades; 12 alunos pode-se dizer que se adaptaram bem; e 5 alunos não tiveram nenhum problema.

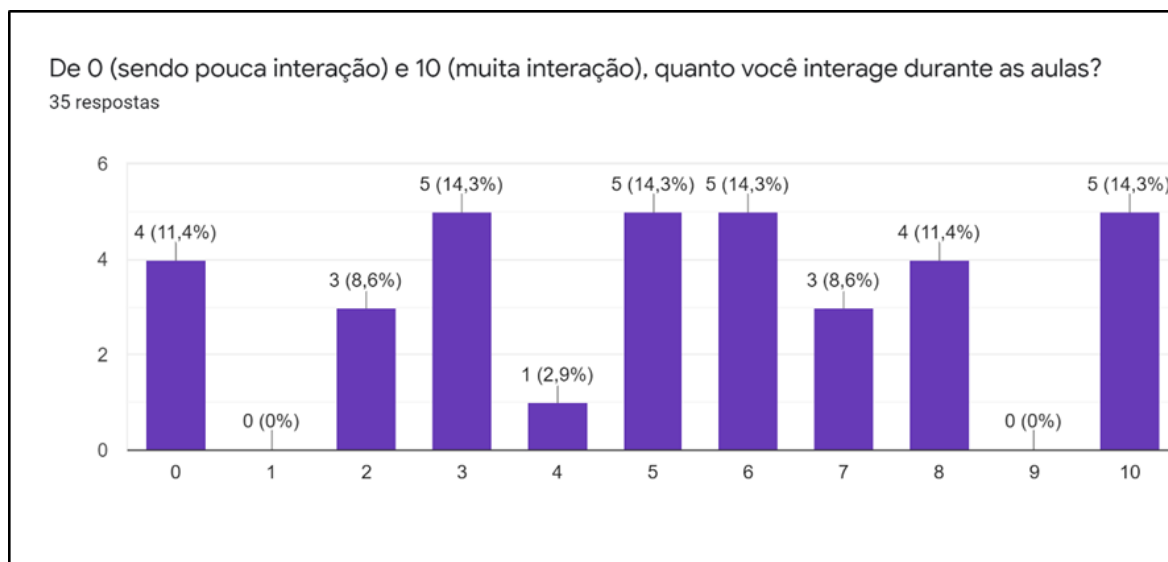


Gráfico 11 – Interação dos alunos durante as aulas.

E por fim, foi perguntado aos alunos se durante este período os professores conseguiram sanar as dúvidas que foram surgindo durante a explicação dos conteúdos. Como observado no gráfico 12, 17 alunos responderam que “as vezes” os professores conseguiram sanar suas dúvidas. O uso das tecnologias em sala de aula é um aspecto importante do ensino remoto, mas que no contexto da pandemia foi mal explorado.

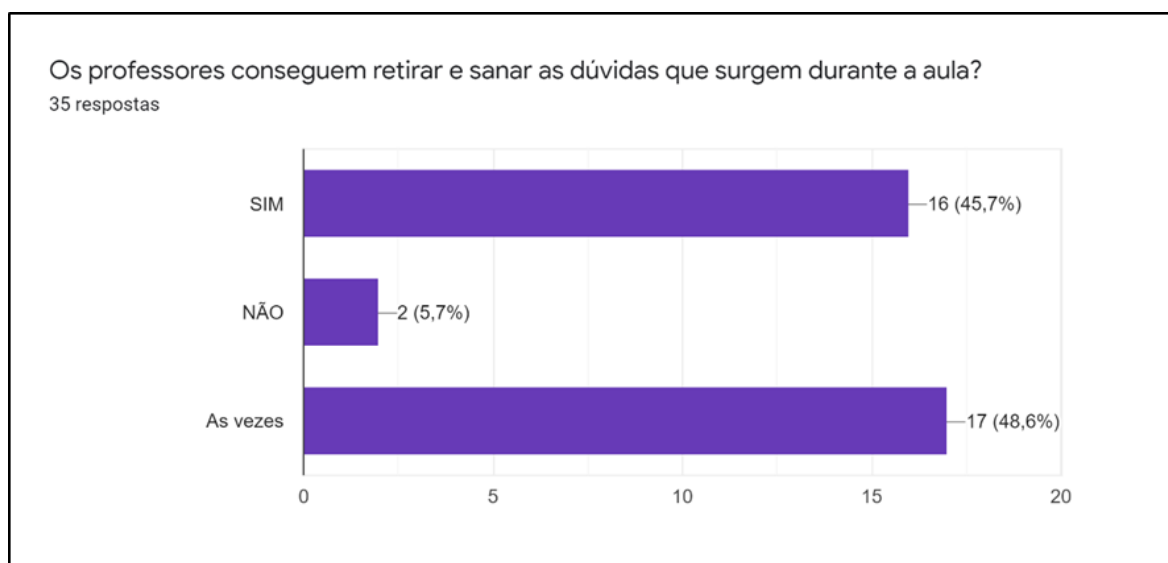


Gráfico 12 – Os professores conseguem sanar as dúvidas que surgem durante a aula?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados, entendeu-se que o cenário pandêmico trouxe consigo desafios aos alunos, aos professores e a educação. Foi desafiador diante dos eventos que estamos vivenciando, e não foi diferente nos colégios estaduais Vital Brasil e Unidade polo na cidade de Maringá/PR, nos quais foram realizados o levantamento exposto neste texto. O ensino remoto foi uma situação que transformou a realidade dos alunos e professores. São inúmeros os problemas que estão sendo enfrentados em meio ao ensino remoto, como dificuldades para ensinar usando tecnologias, dificuldades para aprender, falta de internet banda larga, escolas sem conexão com a rede, mas também tiveram alunos que se adaptaram a essa nova realidade, provavelmente tinham acesso à tecnologia e a utilizavam em suas atividades.

Para os alunos a pandemia evidenciou a dificuldade do acesso à internet, demonstrado no levantamento realizado. Não são todos os alunos que tem os mesmos recursos tecnológicos disponíveis como *notebook*, computador de mesa, celular, *tablet* e outros. As dificuldades de compreensão e assimilação dos conteúdos eram agravadas pela inexistência de um local adequado para os estudos. Muitas vezes a grande maioria não conseguiu assistir aulas por causa da instabilidade ou falta da internet nos momentos das *meets*, ficando explícita a desigualdade social e educacional dos alunos no período de ensino remoto.

Entretanto, parte significativa dos alunos, mesmo reconhecendo as dificuldades enfrentadas com os recursos tecnológicos e o processo de aprendizagem no ensino remoto, optaram por continuar no ensino online. O retorno às aulas presenciais para esses alunos não é o mais viável, uma vez que os alunos e família se adaptaram a essa nova rotina. O uso de tecnologia da informação e comunicação, o ensino híbrido, o uso de ferramentas como recursos didáticos e outras questões deverão permear o ambiente e as práticas escolares no retorno às aulas presenciais.



AGRADECIMENTOS

Nosso eterno agradecimento ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível à Docência – CAPES, à Universidade Estadual de Maringá – UEM, e ao Curso de Graduação em Geografia, habilitação Licenciatura pela realização dessa experiência.

Nossa gratidão aos Colégios Estaduais Unidade Polo e Vital Brasil e aos professores supervisores Marcelo dos Santos Junior e Cristina Assis por acolher a experiência proposta. À coordenadora do PIBID-Geografia Prof^a Maria das Graças de Lima que apostou na gente e nos incentivou a seguir em frente.

Obrigada à Ciência, à Natureza, à Deus por estarmos vivos. Viva o SUS, e os profissionais da Educação.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Adélia Honório. A evolução histórica da educação a distância no Brasil: avanços e retrocessos. Monografia de Especialização. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2013. Disponível em:

http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4653/1/MD_EDUMTE_II_2012_01.pdf.

Acesso em: 05 de ago. de 2021.

CARDOSO, Cristiane Alves; FERREIRA, Valdivina Alves; BARBOSA, Fabiana Carla Gomes. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto, [s. l.], v. 7, ed. 3, 13 ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/929>. Acesso em: 16 nov. 2021.

LEÓN, Lucas Pordeus. Brasil tem 152 milhões de pessoas com acesso à internet. Agência Brasil, Brasília, p. 1-1, 23 ago. 2021. Disponível em:



<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-152-milhoes-de-pessoas-com-acesso-internet>. Acesso em: 31 ago. 2021.

MIRANDA, Kacia Kyssy Câmara de Oliveira; LIMA, Alzenir da Silva; DE OLIVEIRA, Valeska Crysleine Machado; TELLES, Cinthia Beatrice da Silva. Aulas remotas em tempo de pandemia: Desafios e percepções de professores e alunos. Aulas remotas em tempo de pandemia, [s. l.], p. 1-12, 4 nov. 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA_ID5382_03092020142029.pdf. Acesso em: 4 set. 2021.

MOREIRA , Ardilhes; PINHEIRO, Lara. OMS declara pandemia de coronavírus. G1, [S. l.], p. 1-1, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2021.

ROCHA, Bruna Beatriz da; QUINTÃO, Gustavo Ferreira. A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DEVIDO AO NOVO CORONAVÍRUS. Anais do CIET:EnPED:2020 - (Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância), São Carlos, ago. 2020. ISSN 2316-8722. Disponível em: <<https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1122>>. Acesso em: 10 set. 2021.

TEIXEIRA, D. A. de O. ; NASCIMENTO, F. L. . ENSINO REMOTO: O USO DO GOOGLE MEET NA PANDEMIA DA COVID-19. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 7, n. 19, p. 44-61, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5028436. Disponível em: <http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/374>. Acesso em: 15 nov. 2021.